

O CONTO DE JOSÉ, FILHO DE JACÓ: REALIZANDO A VONTADE DE DEUS PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

De Frank Tiss, Eirunepé/AM

Encontramos este conto no livro bíblico do Gênesis, nos capítulos 37 a 50, entre as histórias dos patriarcas Abraão a Jacó e o livro do êxodo dos israelitas do Egito.

Apesar de estender-se por tantos capítulos, o conto de José, em geral, não ganha muita atenção. A própria Bíblia lembra este filho de Jacó apenas três vezes, e mesmo assim periféricamente (Salmo 105,16-32; Atos 7,9-16; e Hebreus 11,22). No dia a dia das comunidades cristãs, o seu quase único lugar é nas escolas dominicais, como exemplo da mão protetora de Deus. Uma exceção é a tetralogia de Thomas Mann "José e seus Irmãos" (1933-43), que, dentro das igrejas, provavelmente devido às suas interpretações bastante livres, também não conseguiu motivar para uma maior dedicação a este conto do Antigo Testamento.

Por que essa generosa ignorância, fora da infância e da beletrística, em relação a um conto tão extenso? Será por haver pouco conteúdo a ser refletido? Ou porque as idéias que transparecem incomodam, não se encaixam bem, nem nas predominantes tradições de interpretação bíblica judaicas, nem nas cristãs? Acredito que a última suspeita seja a mais provável. Por isso, convido a leitora e o leitor a olharem comigo mais de perto esta história, na expectativa de encontrarmos impulsos para a existência missionária cristã, principalmente no contato com grupos e povos de tradições religiosas alheias à bíblica.

Breve Resumo do Conto

Por ser o caçula amado do pai, os demais filhos de Jacó não se davam bem com José. Piorou, quando este expôs seus sonhos noturnos, nos quais aparecia como superior e rei dos outros. Para não matá-lo logo, os irmãos o venderam como escravo para uma caravana de ismaelitas, que ia ao Egito. Ao pai, porém, fizeram acreditar que um animal selvagem tivesse despedaçado o irmão.

No Egito, José foi comprado por Potifar, capitão da guarda do faraó. Como o novo escravo ia muito bem em tudo, foi posto por Potifar como seu ajudante particular. A esposa do capitão tentava fazer do hebreu o seu amante. José, porém, fiel à sua ética, nunca aceitava. A mulher, finalmente aborrecida, fez uma falsa acusação contra José, que resultou na sua prisão.

No presídio do faraó, ganhou a total confiança do carcereiro. Vieram à prisão o copeiro e o padeiro do faraó, e o hebreu interpretou corretamente os seus sonhos.

Quando o faraó teve sonhos de sete vacas e espigas boas, seguidas por sete magras, José foi indicado como capaz de dar a interpretação certa. Como recompensa pela explicação e pelos conselhos políticos a este respeito, o faraó

o constituiu governador de todo o Egito e lhe deu como esposa Asenate, filha de Potífera, sacerdote do Templo do Sol.

Conforme a sua interpretação dos sonhos, José recolhia e armazenava cereais em todas as cidades do Egito durante sete anos. Quando, em seguida, sobrevieram sete anos de fome, tanto no Egito como nos países vizinhos, José tinha alimentos a vender.

Assim aconteceu que os seus irmãos foram ao Egito. Apenas Benjamim, o único irmão de José tanto por lado do pai como por lado da mãe, Jacó não deixou ir. Quando chegaram lá, não reconheceram o poderoso ministro do faraó. Este deu-lhes os cereais que procuraram comprar, fingiu, porém, suspeitar que fossem espíões. Manteve um deles, Simão, na prisão, exigindo que os demais voltassem e trouxessem como prova da sua honestidade o seu irmão mais novo, Benjamim.

De volta a Canaã, Jacó, o pai, jamais quis aceitar a exigência do "estrangeiro". Porém, a fome não deixou outra escolha. Assim, eles voltaram ao Egito, levando Benjamim consigo. No palácio de José, foram muito bem recebidos. Ao saírem, José encaminhou outra prova: mandou pôr o seu copo de prata na bagagem de Benjamim, simulando um furto. Quando descoberta a "transgressão", o irmão mais novo foi ameaçado de ser condenado à escravidão. Os demais irmãos, porém, mostraram-se solidários, e um deles, Judá, ofereceu-se para trabalhar como escravo no lugar de Benjamim.

Finalmente, José revelou-se como sendo o irmão que no passado fora vendido por eles. Fê-los entenderem que não precisavam temer vingança, porque interpretou o que fizeram com ele como vontade de Deus, para finalmente salvar toda a família de Jacó nos anos de fome.

Atendendo o convite de José e do faraó, Jacó foi ao Egito com toda a família extensa e todos os seus animais. Foram assentados na região mais apropriada para a criação de ovelhas e cabras, em Gosém.

Entretanto, os egípcios já não tinham mais nem dinheiro, nem outros bens para comprar cereais de José. Resolveram, então, oferecer as suas terras e a si mesmos, para serem escravos do faraó. José, porém, determinou que, mesmo sendo as terras do faraó, os egípcios teriam que dar apenas a quinta parte das suas colheitas a ele.

Jacó faleceu, foi mumificado no Egito e sepultado em Efrom, no terreno da sua família.

Os irmãos de José, agora sem o pai, temiam que pudesse ter chegado a hora do poderoso irmão querer se vingar. No entanto, a sua reação foi diferente: "Não tenham medo! Porventura, estou eu em lugar de Deus? Vocês planejaram maldade contra mim, mas Deus mudou o mal em bem para fazer o que hoje estamos vendo, isto é, manter viva muita gente" (Gn 50,19-20).

José faleceu no Egito, onde foi embalsamado e posto num caixão, para ser levado a Canaã quando os seus parentes para lá voltassem.

Temor a Deus como fundamental atitude missionária

Obviamente, José foi ao Egito sem nenhuma intenção missionária. Ele foi contra a própria vontade. Mesmo assim, não distorcemos o conto, procurando por impulsos para uma existência missionária intencional. Pois o redator¹ do conto, e com ele, na retrospectiva, José, entendem que ele foi, sim, com uma missão de Deus, porém, inicialmente, sem estar consciente disso.

Por outro lado, José não passou por tudo como uma marionete dirigida pelas mãos de Deus. Na atitude do "temor a Deus" (cap. 42,18), ele procurava realizar a vontade de Deus, conforme a conheceu da sua tradição religiosa. O modo como esta atitude do temor a Deus determinou as concretas ações e reações de José, levou as pessoas envolvidas a interpretar que era abençoado por Deus em tudo que fazia², ou seja, que "o Senhor estava com ele"³. Pela atitude do temor a Deus, José estava disposto a realizar a vontade de Deus, e assim, Deus realizou a sua vontade concreta para este momento histórico através dele: "manter viva muita gente" (cap. 50,20), tanto hebreus como não-hebreus. Desta forma, nada do que aconteceu foi surpresa para José, pois como conhecia a própria tradição, deve ter sabido que Deus tinha dito a Abraão: "por meio de você, eu abençoarei todos os povos do mundo" (Gênesis 12,3)⁴.

Como entender este "temor a Deus"? O texto hebraico, fundamento da nossa tradução, usa em Gênesis 42,18 o verbo *iarah*, que pode aparecer quando se pensa em temor no sentido de medo. Porém, em muitos textos do Antigo Testamento, a palavra, onde se refere a Deus, tem o sentido de ser temente a Deus, de venerá-lo. Juntam-se neste termo a adoração pelo criador, pelo poderoso e santo, com o respeito por sua vontade, sabendo que ignorá-la pode resultar em desgraça.

Parece um reflexo disso quando Jesus começa a oração-exemplo com as palavras, "Pai nosso, que estás nos céus, *santificado*⁵ seja o teu nome, venha o teu reino, seja feita a tua vontade" (Mateus 6,9-10).

A imagem da pessoa temente a Deus, no Antigo Testamento, não é a de uma pessoa extraordinária. Salmo 34, por exemplo, nos versículos 11 a 14, ensina de uma forma resumida a temer a Deus: não dizer coisas más, não contar mentiras, afastar-se do mal e fazer o bem, procurar a paz.

Esta compreensão permanece no Novo Testamento, como se vê, por exemplo, na segunda carta a Pedro, onde diz, no primeiro capítulo, nos versículos 5 a 7: "acrescentai... à paciência, temor a Deus⁶, e ao temor a Deus, amor fraternal, e ao amor fraternal, amor". Entende-se que o temor a Deus gera fraternidade e paz, tanto nas como para fora das comunidades cristãs.

Portanto, o temor a Deus não se realiza apenas numa veneração espiritual, mas, também, numa atitude que respeita os outros, que pretende o melhor para o outro e para a convivência das pessoas. Porque é esta a vontade de Deus.

José, bem neste sentido, explica com seu temor a Deus, porque não manteve todos os hebreus, suspeitos de serem espiões, na prisão. O temor a Deus resulta

¹ Detalhes sobre autor e redator do conto em Scharbert, pág. 16-19; Westermann, pág. 10, 13, 16.

² Veja cap. 39, vers. 3,5,21,23.

³ Veja cap. 39, vers. 2,3,21,23; 41,38+39.

⁴ Deste ponto de vista, é interessante, também, que Jacó literalmente abençoou o faraó (Gn 47,7+10).

⁵ No Novo Testamento grego *hagiastheto*.

⁶ *Eusébeia* no texto original.

na garantia dos direitos humanos básicos, mesmo para estrangeiros e potenciais inimigos⁷.

Podemos concluir, num primeiro momento, que Deus consegue realizar as suas missões por nós enquanto vivemos tementes a ele, na dupla dimensão espiritual e social. Lidando com pessoas de outros povos e culturas, isto significaria procurar garantir a prevalência dos fundamentais direitos humanos – inclusive o direito de ser diferente, de ter hábitos, tradições e línguas próprios.

No exemplo em apreço, dando anistia para quase todos os seus irmãos, José explica sua maneira de agir pelo temor a Deus. Neste momento, os irmãos devem ter entendido que o poderoso egípcio não quis mantê-los presos sem as devidas provas. Porém, para o próprio José, frente aos irmãos (e não a estrangeiros de fato), ser temente a Deus diante a questão de punir ou não, significou querer e poder *perdoar*. E ele conseguiu perdoá-los por ter compreendido, na retrospectiva, qual a missão específica que Deus havia visado - os sonhos do jovem José já haviam advertido - e levado a cabo por José, apesar das más e destrutivas intenções tanto dos seus irmãos como da esposa de Potifar.

Houve um outro momento em que o ministro José agiu diverso do esperado pela população: não tendo mais com quem pagar os cereais, os próprios egípcios se propuseram a sujeitar-se ao faraó como seus escravos, passando a posse das suas terras a ele. Parece que José estava disposto a aceitar esta proposta. Porém, a relação que de fato criou - conforme o conto - não é a de escravidão, mas de servidão num absolutismo econômico estatal, com a obrigação de entregar um imposto de 20% da colheita. Sob a ótica da antigüidade, foi um peso relativamente leve⁸, garantindo sobrevivência e recuperação da população agrícola.

José respeitou vida e direito da população como um todo, mas, também, fora do palco político, respeitou a vida privada dos indivíduos, nunca pensando em deixar de lado os seus princípios por estar lidando com estrangeiros. Na relação com o seu patrão Potifar, o temor a Deus não deixou acontecer que José abusasse da sua posição e da confiança de Potifar nele depositada: não interferiu no matrimônio do capitão, apesar da iniciativa para o adultério partir da própria esposa do egípcio.

O horizonte aberto do temor a Deus

O que talvez mais tenha mantido reservada a hermenêutica judaica-cristã quanto ao nosso conto, é a forma como José se integrou e se deixou integrar na cultura egípcia, sem nenhum questionamento de sua parte, ou de seus parentes, ou do autor/redator: José assume cargos de chefia - portanto, cargos que garantem a continuidade do sistema político - em nível privado e estatal, veste-se com a roupa e os símbolos típicos para estes cargos, e deixa-se chamar por

⁷ Bem neste sentido, temor a Deus foi entendido em Gn 20,11.

⁸ Na Babilônia, por exemplo, os juros de empréstimos para a aquisição de sementes eram de até 40% (v. Rad, pág. 337).

um nome egípcio de veneração religiosa, Zafenate Panéia⁹. Por ser considerado o adequado para a sua posição tão perto do faraó, ele aceita um casamento com Asenate, a filha do mais alto sacerdote do Templo do Sol. E depois da sua morte, o hebreu foi mumificado como um poderoso egípcio (a mesma honra anteriormente conferida a Jacó).

Por outro lado, a forma de agir de José não deve ser interpretada como uma abertura cultural acrítica, adoração de uma grande nação por um filho de pastores de ovelhas, desprezando a própria tradição e religião. Pois, embora José tenha estado tão aculturado, ao chegarem todos os seus parentes, ele fez tudo para que estes ficassem distantes dos egípcios, para poderem dar continuidade aos seus hábitos de nômades. Por isso, foram assentados na região de Gosém. E, de fato, por se tratar de um pequeno grupo, é bem possível que, se a família de Jacó-Israel tivesse assimilado a cultura egípcia neste momento, a história do povo Israel teria terminado por ali.

Como explicar, então, a atitude de José? Ele não tinha outra alternativa para não colocar a própria vida em risco? Se houvesse sido essa a justificativa, ele deveria ter assumido o papel de amante da esposa de Potifar. Porque negando-se a fazê-lo, correu um grande risco, e, no primeiro momento, perdeu quase tudo, sendo-lhe preservada apenas a vida. E mais tarde, como primeiro ministro, tinha tudo em mãos para fugir do Egito.

Parece-me que corresponde melhor ao texto, se procurarmos compreendê-lo a partir da postura de José que tão bem transparece: o temor a Deus. Em momento nenhum, José o negou ou suprimiu. Nem quando tratava de questões sociais ou profissionais, nem em momentos de questões espirituais: antes de interpretar os sonhos do copeiro e do padeiro, e mais tarde do faraó¹⁰, José sempre salientava que era Deus¹¹ que lhe dava esta capacidade. Em consequência disso, o capitão da guarda do palácio, e ainda mais explicitamente o faraó, confirmaram a presença deste Deus com e em José. Só não podemos saber em *qual* Deus pensaram Potifar e o faraó, nestes momentos ou quando este deu a José o nome egípcio *Zafenate Panéia*, "Deus fala e está vivo". O autor do conto, escrevendo em hebraico, põe na fala dos dois egípcios, onde se referem a Deus, *elohim* e *adonai*¹², nomes típicos do Deus de Israel. Será que o autor, possivelmente da época quando o reino de Salomó estava no seu auge¹³ e Israel e o Egito mantinham um vivo intercâmbio cultural, já partiu do pressuposto de que, no fundo, fala-se do mesmo Deus?

De qualquer forma, José não entendeu como problemática a sua aculturação, nem por ser temente a Deus, nem por alguma outra razão. A aculturação não impediu em nenhum momento que o hebraico seguisse os seus princípios.

Mais ainda: poderíamos perguntar se não é exatamente esta atitude, esta existência no temor a Deus, que não conhece o medo de ficar impuro, mas que dá esta abertura, sim, para uma cultura diferente, inclusive para as suas manifestações religiosas.

⁹ Traduzido „Deus fala e está vivo“.

¹⁰ Veja cap. 40,8; 41,16.

¹¹ Em hebraico *elohim*, nome para Deus muito comum no povo Israel.

¹² Veja cap. 39,3; 41,38.

¹³ Assim, entre outros, Westermann, pág. 12.

Olhando para os níveis mais arcaicos das experiências religiosas bíblicas, parece que o temor a Deus é oriundo da admiração pelo imponente e inexplicável divino¹⁴. É uma dimensão da fé em Deus que, nas tradicionais igrejas evangélicas, devido a forte valorização do raciocínio individual para o aprofundamento religioso das pessoas, sofreu uma marginalização indevida. Embora Martin Luther, no seu Catecismo Menor, iniciasse cada explicação dos Dez Mandamentos com as palavras “Devemos *temer* e *amar* a Deus” - o *amar* ganhou bem mais atenção. Talvez por ser uma idéia mais familiar. E aí está o perigo: que Deus, também, fique mais familiar do que deveria. Pois, apesar de todas as suas manifestações e revelações, ele permanece sendo o transcendente, o totalmente diferente, o inconcebível.

Pelo temor a Deus, o ser humano responde a este lado do divino. E por, assim, estar consciente do incompreensível, a pessoa, com mais facilidade, consegue ser humilde em suas constatações com respeito ao que sabe de Deus, e ao que religiões diferentes da própria, talvez, não saibam de Deus.

Portanto, o temente a Deus, frente a outras tradições religiosas, não precisa se fechar e proteger, nem por causa de medo, nem por causa de preconceitos desqualificadores, mas ele respeita as assim consideradas manifestações divinas. Por outro lado, também não há porque se entregar a elas, desprezando a própria religião e experiência espiritual, porque é aí que seu temor a Deus se fundamentou, geralmente desde a infância.

Assim, José aculturou-se, casou-se com Asenate que havia sido criada no âmbito do Templo do Sol. Os dois filhos que tiveram, Efraim e Manasses, naturalmente foram abençoados por Jacó, anunciando que Efraim seria um dos povos principais de Israel.

Concluindo: é a atitude do temor a Deus que gera o respeito pelas manifestações divinas, tanto da própria tradição religiosa, como da de outras. Onde os tementes a Deus se encontram em contextos culturais e religiosos diferentes, este respeito possibilita que Deus realize suas bem concretas e específicas missões, levando as suas bênçãos para estas pessoas e por estas pessoas aos outros grupos em questão. Desta forma, fica fortalecida a paz entre as diferentes sociedades e religiões envolvidas.

José e a missionária e o missionário cristãos entre povos indígenas

Durante 500 anos, a maior parte dos missionários cristãos que procuraram os povos indígenas da América do Sul, foi com o pressuposto de que já sabia o que tinha que mudar nestes povos, quanto às suas religiões, organizações sociais, educação, etc. Deste modo, a missão acabou contribuindo para o enfraquecimento e, em parte, extermínio cultural destas nações. Os casos são incontáveis.

Como temente a Deus, seguindo o exemplo de José, a missionária e o missionário estão liberados para irem sem saber, previamente, o que terão a

¹⁴ Veja, por exemplo, 1Sm 12,18; Jó 37, 21-24; Dt 4,10.

contribuir, sem saber qual a bênção que Deus poderá realizar por eles. Eles mesmos serão surpreendidos por estas bênçãos.

Isto jamais significa que eles vão sem saber o que fazer: como vivem no espírito do temor a Deus, eles procurarão não dizer coisas más, não mentir – não simplificar, nem exagerar, nem esconder verdades – mas fazer o bem, fortalecer a paz, e fazer a sua parte para garantir os direitos humanos.

A missionária e o missionário estão liberados para respeitar as manifestações divinas como constam das tradições indígenas. Somente vivendo desta forma, os cristãos já fortalecerão a paz entre as diferentes religiões.

Por outro lado, eles podem articular livremente o seu temor a Deus. Este direito ser-lhes-á atribuído, também, pelos próprios indígenas, por perceberem o seu respeito verdadeiro – respeito não como método evangelizador, não como um modo para ganhar confiança, mas um respeito motivado pela própria espiritualidade que reconhece que não sabe tudo de Deus, e que os povos indígenas, por sua parte, também têm conhecimentos religiosos.

Aproximando-se por este caminho, os missionários encontrarão riquezas que poderão contribuir para manter vivo o seu próprio “povo” cristão, como por exemplo, modelos de convivência em comunidade que, por seus mecanismos democráticos e suas formas de partilhar sem humilhar, lembram as primeiras comunidades cristãs; modelos de uma relação família-trabalho equilibrada; ou modelos de uma economia pacífica, tanto no que diz respeito às relações entre pessoas, como àquelas entre o ser humano e o meio ambiente.

José e os grupos indígenas submetidos às culturas tradicionalmente cristãs

Há diversos fatos semelhantes na trajetória de José, conforme o conto, e na trajetória de muitos povos indígenas no Brasil: quando não foram massacrados logo, muitos foram condenados à escravidão; assim, grupos com tradições nômades ou com uma agricultura de subsistência foram submetidos a uma hierarquia política-econômica. Onde os representantes deste sistema estranho se deram a chance de conhecer os nativos mais de perto, muitos se admiraram dos hábitos e da sabedoria indígenas – que influenciaram a cultura brasileira em todos os níveis (linguagem, agricultura, culinária, moradia, religião, etc.). Houve muitas tentativas de seduzir as comunidades indígenas a comportamentos que contradiziam a sua ética, como por exemplo, a sedução de organizar-se numa hierarquia social, de assumir uma atuação econômica egoísta, ou de acumular bens individualmente. Os grupos que ficaram fiéis a seu modo de vida e resistiram, sofreram forte desprezo e punição. Hoje em dia, porém, no Brasil e, mais ainda, em países estrangeiros, são muito valorizados e procurados os conselhos baseados nas tradições econômicas e sociais indígenas, na busca de alternativas para os sistemas ocidentais quase esgotados.

Certamente, jamais alguém deve aventurar-se a pensar que o genocídio entre os povos indígenas da América, o maior de toda a história da humanidade, tenha sido o plano de Deus. Isto seria blasfêmia.

Sobrou uma culpa coletiva das mais pesadas. Porém, por mais surpreendente que seja, são raros os indivíduos e grupos indígenas cujas ações partem de um espírito vingativo. Se o verdadeiro respeito por sua história, suas expressões culturais e seus direitos tomar mais espaço dentro da nossa sociedade, incentivado, por exemplo, pela atitude religiosa do temor a Deus, quem sabe, chegará o dia que representantes dos povos indígenas ainda vivos possam falar para nós com as palavras de José: "Não tenham medo! Porventura, estamos nós em lugar de Deus? Vocês planejaram maldade contra nós, mas Deus mudou o mal em bem."

Bibliografia

Scharbert, Joseph, Ich bin Josef, euer Bruder, St. Ottilien 1988.

Von Rad, Georg, Das erste Buch Mose, (ATD, Teilband 2/4), Göttingen 111982 (11949).

Westermann, Claus, Genesis. 3. Teilband, Genesis 37-50 (BK.AT Bd. 1/3), Neukirchen-Vluyn 1982.

Agosto de 2001.